

**PALAVRA E CONTRAPALAVRA: O TEXTO, O LEITOR E UM LUGAR  
PARA O PROFESSOR<sup>1</sup>**

Isabel Cristina Alvares de Souza<sup>2</sup>

Diariamente recebemos fragmentos de notícias sobre o sistema de ensino no Brasil que compõem um quadro desolador: professores insatisfeitos, pais decepcionados, alunos alienados, motivação em baixa, indisciplina em alta, drogas, violência... Quem vive o cotidiano escolar, mais diretamente afetado por esse estado de coisas, muitas vezes não consegue visualizar saídas. Quem está do lado de fora fica na defensiva do “não tenho nada com isso” ou dispara ataques para todos os lados, nem sempre justos. A crise da escola, instituição social, reflete uma crise mais abrangente, da sociedade mesma, da forma como se organiza. A escola não nasceu para o povo e, aberta a ele, não o soube acolher: estigmatizou, gerou e perpetuou preconceitos, tendo como grande vilã a língua – porque quem não sabe falar não sabe ler, nem raciocinar, nem se expressar, nem aprender etc. etc.; agora se sabe o grande equívoco contido nessas concepções que durante décadas estiveram subjacentes ao ensino. Concepções que tiveram lá sua importância: povo na escola, povo feliz! Pobre povo, na escola para aprender o seu lugar, de rebanho passivo, homogeneizado.

A evolução dos estudos linguísticos, entretanto, veio iluminar essa realidade e revelar seus aspectos perversos. A crise do ensino, que aponta para o estado de xeque de uma sociedade organizada satisfatoriamente para uma minoria privilegiada em detrimento da maioria, é também resultado do abalo provocado nas antigas concepções sobre as quais o ensino de língua se fundou, o que é indiscutivelmente um fato positivo. Mas isso nos coloca no olho do furacão. Em termos de História, um privilégio; nos outros tantos aspectos, uma enorme responsabilidade. Paradoxalmente, a escola contribuiu na “fabricação” do problema e é nela, principalmente, que está a solução, ou pelo menos o seu encaminhamento. Depende do engajamento nessa tarefa daqueles que a movimentam cotidianamente. Professores, sobretudo, que estejam dispostos a acolher a diferença sem cair na tentação de igualar, massificar, homogeneizar. Isso implica uma mudança de postura, refletida nos detalhes do

---

<sup>1</sup> Este breve ensaio ainda inédito foi escrito em 2002, a partir da leitura do texto **Língua e ensino: políticas de fechamento**, de Marina Célia Mendonça (cf. Referência). Aqui está reproduzido na íntegra, apenas atualizado ortograficamente. Ressalva-se que o ensino de língua a que faz referência é o ensino escolar de língua materna. Passada mais de uma década de sua elaboração, essa tardia publicação objetiva somar uma voz às muitas outras que se levantam em defesa da educação que acolhe a diversidade e atua no aprimoramento das relações em função do bem comum.

<sup>2</sup> Graduada em Letras e pós-graduada em Língua Inglesa (*lato sensu*) pelo Centro Universitário Padre Anchieta, onde atua como revisora de textos, docente e coordenadora da Revista Argumento.

fazer pedagógico. Deve vir de dentro para fora; do contrário, consistirá apenas em nova maquiagem para disfarçar velhas ideias.

Um exemplo de como a escola pode massificar ou, por outro lado, se tornar espaço de acolhimento da diversidade dos sujeitos nos é dado por Marina Célia Mendonça em **Língua e ensino: políticas de fechamento**. Tratando da interpretação de textos, a autora revela a estratégia de silenciamento do sujeito leitor contida em livros didáticos: questões direcionadas e respostas prontas no manual do professor; a leitura e a interpretação de textos, potencialmente abertas à subjetividade, e, portanto, à diversidade, transformam-se em atividades mecanizadas e alienantes. Respostas esperadas e únicas fazem da leitura um ato de submissão, não estimulam a reflexão, mas a reprodução de modelos esperados. Nas atividades de produção de textos, o processo se completa: o aluno apenas preenche arcabouços sem apresentar contrapalavras, pois não encontra na escola espaço para o diálogo, para a interação. Felizmente existem saídas, e a autora mostra como elas têm sido construídas, astuciosa e até subversivamente, por aqueles que resistem ao silenciamento imposto. Essa construção, com seus efeitos libertadores, passa necessariamente pela atitude do professor: este deve ser o primeiro a se dispor à aceitação das múltiplas possibilidades de interpretação dos textos e da potencialidade dialógica das atividades de produção textual. Gerações e gerações de professores foram treinadas para reproduzir modelos, ensinando as gerações subsequentes a fazerem o mesmo. É chegado o momento de abertura efetiva para o caráter interacional da leitura e da produção de textos, sem temor da diversidade, da palavra do outro. Essa abertura propiciará a leitura da realidade em seus múltiplos e diversos aspectos e a produção de contrapalavras, escritas ou não, que contribuam para as transformações necessárias ao bem da coletividade. Bem encaminhadas, as soluções que vêm sendo propostas para a crise do ensino farão da escola a célula social de onde podem surgir respostas para as crises que extrapolam seu âmbito. O problema está posto, bem como algumas estratégias de resolução. O mais é engajamento, mobilização, coragem de rever posições, de acolher o novo, de aceitar a pluralidade. Para que nos orgulhemos de assinar a página de História que nos coube escrever.

### Referência

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 8, p. 233-262.